

AS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS MUNICIPAIS SOBRE A GESTÃO DE PAULO FREIRE NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

André de Freitas Dutra

Faculdade de Educação – USP

andredutra@usp.br

Este artigo pretende apresentar as conclusões parciais da pesquisa de doutoramento sobre a memória de educadoras das escolas municipais acerca do período em que Paulo Freire foi secretário educação da capital paulistana entre os anos de 1989 a 1991. Tratava-se naquela época de um momento singular e importante da história brasileira. O país estava vivendo intensos momentos decorrentes do processo de redemocratização ainda em curso. No ano de 1989, havia sido promulgada a Constituição Federal representando a conquista de importantes direitos a todos os cidadãos. No ano seguinte, seria a vez do Estatuto da Criança e do Adolescente ser promulgado. Também em 90, o brasileiro votou pela primeira vez após 30 anos para a escolha do presidente da República por meio de uma eleição direta.

Nesse contexto, Luiza Erundina vence a eleição da capital paulistana, tornando-se a primeira mulher e nordestina a ocupar o cargo de prefeita daquela cidade, passando a controlar o 3º maior orçamento do país (ficando atrás apenas dos orçamentos do estado paulista e da União). Também foi a primeira vez que o Partido dos Trabalhadores conseguiu resultados expressivos num pleito eleitoral. Essa eleição é bastante significativa dada a inspiração socialista (TORRES, 2002) de seu partido naquele momento e o contexto da campanha de Erundina, alicerçada em movimentos sociais, sendo a própria uma liderança dos movimentos de luta por moradia.

Dentro proposta de governo de Erundina foi escolhido, para comandar a Secretaria Municipal de Educação – SME, justamente, Paulo Freire, principal teórico brasileiro no campo da educação, autor mais influente da pedagogia brasileira que escreveu uma série de livros sobre a importância da educação no desenvolvimento da democracia no Brasil. Freire aceitou o convite evocando a coerência com tudo o que havia escrito e lutado. Sendo um dos fundadores do PT, sua indicação para a secretaria de educação era vista como um movimento natural naquele momento. Além de sua

produção teórica, Freire já havia desempenhado, anteriormente, o papel de gestor público. Ficou a frente de programas de alfabetização de adultos de governos do nordeste do Brasil e também participou da equipe do MEC que pretendia promover o Programa de Alfabetização de Adultos durante o governo João Goulart. Em 1964, com o golpe civil-militar, foi obrigado a deixar o país.

A atuação de Paulo Freire e sua equipe demonstrou bastante coerência entre suas concepções teóricas e práticas. O autor de *Pedagogia do Oprimido* continuou dentro de um órgão estatal buscando uma educação emancipadora e voltada para as classes populares. A gestão de Freire foi marcada pelos esforços na construção de uma escola popular e democrática. Estes esforços significaram a abertura de canais não somente para a escuta, mas, também para a participação de todos nas decisões importantes dentro das escolas e até mesmo nos rumos da SME. Assim, a busca pelo diálogo com professores, alunos e comunidade foi característica dessa gestão que criou diversos momentos e espaços para que isso ocorresse. Entretanto, a “escola pública, democrática e popular” não era concebida, não apenas como possibilitadora da participação de todos, mas como promotora de uma educação de qualidade. Para ser democrática de fato, a escola deveria promover uma educação destinada às necessidades das crianças das classes trabalhadoras. Também era necessário que a escola possibilitasse o acesso das crianças e jovens, às salas de aula, uma vez que nesse momento, muitos estavam fora dos bancos escolares. Nesse sentido, as prioridades da gestão foram organizadas em torno dos seguintes pontos:

- Democratização do Acesso
- Democratização da Gestão
- Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores
- Nova Qualidade de Ensino

Entre ações importantes desenvolvidas por Freire e sua equipe destaca-se a criação do Estatuto do Magistério Municipal que garantiu uma série de direitos aos professores, o restabelecimento dos Conselhos de Escola, a organização dos Ciclos de Aprendizagem nas escolas de ensino fundamental, a ampliação de vagas para a Educação de Adultos, a readmissão dos professores demitidos por terem participado de

uma greve durante o governo Jânio Quadros, um substancial aumento salarial num momento em que a inflação era extrema, entre outras ações.

Freire deixou o cargo de secretário antes do fim do mandato de Erundina, durante o ano de 1991. Foi sucedido por seu chefe de gabinete, Mario Sérgio Cortella, deu continuidade aos projetos iniciados por Freire e manteve a estrutura colegiada na SME. Dessa forma, podemos atribuir ações importantes à gestão de Freire, algumas concretizadas após a sua saída, mas fruto de um processo iniciado durante o tempo em que foi secretário.

Foi uma gestão que marcou aqueles que a viveram devido a uma série de inovações trazidas, aos direitos conquistados para os docentes e ao envolvimento das escolas com projetos como o da *“interdisciplinaridade através do tema gerador”*. Dessa forma, faz-se jus conhecer a memória daqueles que participaram desse momento e que estavam diretamente ligados às escolas. A visão dessas pessoas acerca deste processo apresenta uma história diferente daquela produzida a partir dos documentos editados pela SME naquele momento. Não há um questionamento dos fatos descritos, mas o enredo é contado a partir de outro ângulo. Ao pesquisar as memórias de personagens que viveram dentro das salas de aula as mudanças propostas, temos acesso a uma reconstituição com uma pauta de eventos diversos daqueles relatados nos documentos oficiais. Também a hierarquia das importâncias daqueles acontecimentos costuma ser posta numa outra perspectiva por aqueles que estavam fora dos órgãos centrais da administração.

Como ocorreram as entrevistas

Para compreender a memória daqueles que viveram aquele momento a partir de sua relação com as escolas, entrevistamos educadoras com funções diretamente ligadas às unidades educacionais: docentes, coordenadoras pedagógicas, uma diretora e uma supervisora de ensino. Optamos pela metodologia da *“História Oral de Vida”* com ênfase ao período em que Paulo Freire foi secretário de educação até o fim da mesma gestão. Com cada uma das educadoras ocorreu de duas a três entrevistas semidirigidas, ou seja, utilizamos um questionário para que a entrevistada abordasse sua infância, suas primeiras relações com a escola, seu conhecimento acerca da figura de Paulo Freire

antes dele ser secretário de educação, o que lembra sobre algumas ações da época, sobre a participação dos alunos, professores e pais na época etc. Entretanto, esse questionário serviu como um roteiro em determinados momentos, pois deixamos que as entrevistadas falassem a vontade, nos reportando ao questionário apenas para que se retornasse ao tema quando a entrevista fosse para assuntos muito distintos do proposto. Após a transcrição, realizamos a “transcrição” (SEBE) das mesmas.

Nessa pesquisa, num primeiro momento, realizamos a investigação dos projetos executados a partir dos documentos da Secretaria Municipal de Educação - SME. A pesquisa sobre os documentos oficiais nos apresentou um perfil das intencionalidades presentes em cada projeto, as discussões encaminhadas pela equipe da SME e dos Núcleos de Ação Educativa - NAEs (espécie de diretorias regionais da secretaria), os materiais utilizados nas formações. Também apresenta visões de professores, a partir do registro de relatos de práticas e de comentários relativos a pesquisas realizadas no âmbito da SME para consultar os professores sobre o que pensavam acerca do funcionamento da escola e da construção de uma escola "pública, democrática e popular".

Entretanto, mesmo apresentando a voz dos educadores, alunos, pais e funcionários, em diversos momentos, essa história não deixa de ser uma versão institucional. Ao conversar com as educadoras, encontramos uma história diferente. As lembranças acerca dos acontecimentos são distintos daqueles registrados pelos documentos escritos. Ao lembrar, a entrevistada coloca os acontecimentos recordados numa ordem em que lhe faz sentido. Portanto, sua visão de mundo, seus ideais éticos acerca da sociedade e da educação permeiam sua memória. Assim, escolhemos a escolha metodológica pela "história oral de vida". As entrevistadas ao falarem sobre sua relação com a escola desde a infância, o porquê da escolha pelo magistério enquanto carreira, o que já sabiam em relação a Paulo Freire, nos ajudam a saber quais elementos ordenam o enredo de suas memórias.

Outro ponto importante sobre um trabalho de história oral é que uma vez que investigamos as pessoas acerca de suas memórias, estamos em contato com uma história viva que é repassada entre os educadores da rede municipal a partir dos relatos daqueles que viveram esse período. Assim, mais do que uma versão dos fatos, a metodologia de história oral nos permite compreender “quem foi Paulo Freire” para os educadores da

cidade de São Paulo. Trata-se de um saber que está presente nas escolas e que se articula com a identidade profissional, sendo assim, a memória é, por si só, um fenômeno digno de ser estudado.

Ao narrar suas memórias, é provável que as entrevistadas troquem datas, associem acontecimentos de gestões diferentes. Sendo a distinção, ou até mesmo a imprecisão do relato que nos interessa nessa pesquisa. Assim, a pesquisa sobre os documentos da SME nos ajuda a situar factualmente esses eventos e nos permite comparar a história institucional com a "história" contada pelas professoras. Também é possível que nos deparemos com imprecisões teóricas relatadas pelos entrevistados, ou mesmo, com visões preconceituosas, ou intolerantes. Assim, a versão dos fatos relatada pelos entrevistados, além de nos apontar para outra história, nos ajuda a compreender melhor aqueles que nos falam. Uma história relatada pelas professoras acerca da atuação de Paulo Freire na SME-SP revela muito mais sobre essa categoria profissional do que, propriamente, de Paulo Freire. Também são histórias que apresentam elementos que muitas vezes são ignorados pelos gestores públicos que emitem os relatórios, geralmente, utilizados como fontes pelos pesquisadores.

Um relato

Nesse momento, com a pesquisa em sua fase de conclusão, apresentamos as reflexões decorrentes de um dos relatos registrados. Ana (nome fictício), nasceu em São Paulo e, desde cedo, iniciou-se na carreira do magistério seu início na prefeitura de São Paulo ocorreu por meio da influência de um político, quando se tornou "educadora recreacionista" de um, até então, Parque Infantil, lecionou no MOBREAL, onde nos diz que se utilizava o método Paulo Freire. Era diretora de EMEI quando Erundina e Freire assumiram a Prefeitura e a Secretaria de Educação.

Ela nos apresentou um relato bastante rico, abordando sua visão acerca de vários eventos da vida política do país e do município. Alguns momentos foram bastante tocantes. A história do aluno aidético e da colega demitida durante uma greve e que foi readmitida durante a gestão de Erundina/Freire mostram a história de uma forma viva e

diferente de análises, até certo ponto, frias das quais conhecemos essas histórias anteriormente.

Através do seu relato é possível perceber as dificuldades relacionadas ao contexto da época, como as dificuldades econômicas, a influência de políticos na escolha de vagas numa Escola Municipal e Educação Infantil - EMEI.

Durante a entrevista, a colaboradora discorreu sobre diversos temas, como a forma de ingresso na educação municipal, as condições de trabalho no início - durante 3 anos trabalhou sem direito a férias, e traçou imagens sobre os dirigentes municipais.

A colaboradora já havia tido contato com a produção teórica de Paulo Freire, mais do que isso, já havia se utilizado daquilo que acreditara ser seu método na época em que Freire estava exilado e a ditadura militar estava em seu período mais duro.

Eu comecei trabalhar alfabetização de adultos em 68 e **eu me lembro que já estava sendo introduzido o método Paulo Freire** [falado com ênfase pela colaboradora] Não uma coisa assim... não, como vindo do estado. A gente estava... sabe? Um estudava ali, outro estudava aqui. Aí depois foi introduzido. Então, o método Paulo Freire, agora estou me lembrando bem, eu acho que ele condiz muito, condiz muito com os alunos que estudavam a noite.

(...)

Não partiu do governo, mas depois, o governo, sugeriu o método do Paulo Freire. Nós recebemos, inclusive, a cartilha, não foi em 68, acho que foi em 70 ou 71. Porque depois entrou o MOBRAL, só que no MOBRAL, eu passei, passei muito bem, mas eu preferi ficar no Estado.

A imagem de Paulo Freire para a professora é de um homem elegante e que tinha um poder moral muito grande.

Eu entrei como diretora em 84, em 89 ainda quando Paulo Freire entrou, eu ainda era diretora. Teve no Anhembi, uma reunião com ele. Foi a introdução da Emília Ferreiro. Eu achava ele muito simpático. Aquele cabelo branco parecia algodão, me lembro até hoje, acho que ele estava de gravata, com um pulôver vermelho muito bonito. E ele era assim, ele não gritava. Ele fazia assim, com aquela voz, sabe? Tranquila. E foi toda aquela coisa... de leitura do mundo... não me lembro tudo. Eu só me lembro que o auditório, mesmo as pessoas mais contrárias, fez um silêncio. Nossa gente. A gente quer falar mas ele domina a massa. Porque dominar a massa é muito difícil. Porque você pode dominar no sentido de autoritarismo, que eu acho que não é dominar. Não é dominar, não é? Assim, você contém a massa

A gestão de Paulo Freire não se constituiu enquanto uma unanimidade entre os educadores. Muitas de suas propostas resultaram de um processo que além de participativo, revelou embates entre os educadores com visões distintas do processo de ensino-aprendizagem. Isso pode ser percebido, quando nossa entrevistada aborda o momento em que Paulo Freire deixou o cargo de secretário de educação.

Quando o Paulo Freire saiu, ficou dividido, teve aqueles que gostaram. Tem professores que gostam tudo redondinho, a forminha do bolo e tem professores que não gostam de mudança.

Parte importante das ações da gestão de Erundina e Freire diz respeito a ações das gestões anteriores. Jânio Quadros foi o prefeito antecessor daquela gestão. Sua administração na educação foi marcada pelo conservadorismo, ele não permitiu o funcionamento dos Conselhos de Escola, recolheu livros das escolas por considerá-lo subversivos. Sua gestão enfrentou uma greve de professores, muito dos quais foram demitidos, por Jânio, uma vez que, os trabalhadores não tinham os direitos trabalhistas, como o de participação em greves, garantidos pela constituição de 1988. Em um dos seus primeiros atos, quando assume a prefeitura, Luiza Erundina readmite todos os participantes do movimento grevista que foram demitidos. Quadros aparece várias vezes no relato da professora, como um homem inteligente e ,ao mesmo tempo, conservador e autoritário. O relato sobre a amiga demitida durante a greve despertou emoção na colaboradora:

Com Jânio Quadros foi muito difícil. Mas também foi um desafio. Ele era bem metódico. Então ele tinha umas coisas que você não sabe o que ia acontecer. Então, diz que um dia ele chegava ia ver o ponto. E ele era uma pessoa muito radical, extremista. Foi nessa época, que uma amiga minha, amicíssima foi demitida. Trabalhei com ela quando entrei na prefeitura, a Diméia. Teve greve e ele não aceitou. não era como agora que pode fazer greve.

(...)

Aí eu não fiz greve, mas ela fez greve. Ela era concursada como eu, só que ela estava bem longe, lá em Itaquera. Ela tinha comprado um apartamento, financiado. Ela conhecia muito a minha mãe. Adorava ela. E ela fez greve, resumindo, ela foi afastada, perdeu três meses. Quem fez greve não recebia um tostão. Só que os amigos dela [fez movimento de aspas com as mãos] deixaram ela sozinha. Até hoje, ela me liga. Eu não estou falando que a gente não tem que lutar. Tem que lutar, a gente tem que lutar. Mas tem que saber quando e onde a gente está lutando. Eu não estou falando que ela foi errada. Até outro dia eu disse para ela:

- Pode ser que tudo o que vocês sofreram foi o caminho para que as coisas se tornassem como as coisas estão agora.

Mas isso doeu bastante na gente. Ela foi mesmo afastada durante 90 dias. Não foi só ela, foram várias professoras. Não sei se você ouviu falar dessa fase do Jânio. Foi do Jânio Quadros, mesmo.

Outro relato importante foi sobre o confisco de livros por parte de Jânio:

Quando o Mario Covas saiu e entrou o Jânio, o Jânio ele era conhecido como? Autoritário, né? Todo mundo tinha um pouco de medo dele, ele era um homem inteligentíssimo. Então a primeira coisa que ele aboliu, essas revistas, realmente, foram abolidas.

A Paulicéia era uma revista, falava da constituição de 84. Essa revista foi distribuída para todas as unidades. Todo mundo tinha essa revista. E quando Jânio entrou, ele recolheu tudo. Recolheu tudo, veio perua. Aí peguei escondido. Muita gente ficou, muita gente, não é só eu. É uma relíquia.

Ela foi distribuída para os professores e a gente falava em reunião. Lia tudo direitinho, quando ele entrou, porque aqui era uma proposta de reformulação curricular, recolheu. Ele não falou o motivo o porque ele recolheu.

Ao pesquisar a história daquela gestão a partir dos relatos das educadoras que viveram aqueles anos, outros elementos aparecem. Aspectos políticos e econômicos da época impactaram a educação e são lembrados. Naqueles anos, os impactos da política econômica desenvolvida pelo presidente Fernando Collor de Melo foram bastante expressivos, representando perda de poder aquisitivo de parcela significativa da população. No relato, essa situação se reflete como aumento pela demanda na escola dirigida por nossa entrevistada.

Depois teve a época do Collor com a Cardoso. A nossa escola era rodeada de escolas particulares. Então as escolas particulares, os pais começaram a tirar das escolas particulares, por causa do dinheiro. Tatuapé. Era rico porque tem comerciantes ricos. A nossa escola de um dia eram 6h20 da manhã. Eu estava cedinho porque entrava às 7h porque eu era caxias. Vejo uma filha enorme lá na praça. Aí eu chorava, chorava de ver o quanto ela melhorou. Era melhora porque teve a procura, a gente vê pela procura dos alunos. Aí era vereador me ligando e eu sempre fui muito correta. Eu falava:

- Se o senhor quer a vaga, o senhor mande alguém entrar na fila.

A nossa entrevistada havia entrado pela primeira vez na educação municipal por meio de uma indicação política, nos anos 70 do século passado. Nos início dos anos 90, a influência de agentes políticos na obtenção de serviços públicos ainda estava presente, como vimos no relato. A entrada de Erundina e Freire representou uma tentativa

importante para a mudança do eixo de poder nas decisões e no acesso da população a escola. Os Conselhos de Escola foram um dos pontos recorrentes nas entrevistas, notadamente, aparecem comparações entre a gestão de Jânio Quadros e Luiza Erundina:

O Jânio foi muito diferente da Erundina. Eu não entendo muito, assim da área de dinheiro, eu acho a gestão da Erundina muito melhor. Primeiro que, em 1990, ela introduziu o Conselho Deliberativo. O Conselho era só consultivo. Então a gente tinha reunião, uma vez por mês. Veja uma coisa: você está na época do Jânio, um conselho consultivo, em que só ia na DRE, diretor comanda, autoritário, né? De repente, você faz um Conselho Deliberativo. Foi um choque, e eu adorei.

Os pais participavam tinham voz. E isso é importante, porque o que era o autoritarismo. Chegava no conselho e "é isso, isso e isso". O pai ficava assim, ó. Não tinha voz. Agora é difícil essa introdução.

Na época, dependia do diretor. Por exemplo, quando eu introduzi, foi difícil também para mim, não é fácil, mas eu tive sorte. Eu tinha um pai que ele era um dos donos de uma imobiliária, eu tinha outro pai que era médico, eu tinha pai que era pedreiro. Porque, agora, as verbas são boas. Nós não tínhamos essas verbas. Nós não tínhamos nada disso, nós não tínhamos uma televisão, nós não tínhamos nada disso. Nada! A gente tinha que ralar. Ralar mesmo. O que a gente tinha que fazer? Eram festas beneficentes.

A introdução dos Conselhos de Escola representou uma mudança muito grande na relação da escola com sua comunidade. Entretanto, o sucesso dessa ação dependia em muito da disposição do diretor de escola. No relato, isso é apresentado pelo deslocamento de poder que os Conselhos de Escola representaram. O quadro descrito pela professora aponta para distinções importantes conforme o estilo do gestor municipal.

Outros projetos, poucas vezes contemplados na bibliografia acadêmica aparecem nos relatos:

Foi também na ocasião da Erundina que foi introduzido nas escolas, ninguém fala sobre isso, o programa de AIDS. Por que tinha escola que fazia assim: não queria pegar crianças com AIDS. Então, teve uma portaria que obrigava todas as escolas a pegar as crianças aidéticas. Isso aconteceu no tempo da Erundina, inclusive eu tive uma criança aidética.

A volta das garantias políticas, através da Constituição de 1988, o clima de participação nas escolas e a discussão em torno da criação do Estatuto do Magistério Municipal estão associados a organização de sindicatos da categoria, que passam a ser constituídos nesse momento.

Quando começou a discussão sobre o Estatuto do Magistério, as pessoas começaram a se reunir. E esse sindicato de especialistas, eu fui em várias reuniões com a minha amiga que foi uma das fundadoras. Não só para formar o sindicato, mas para estudar o estatuto. Se você analisar, a educação, na minha opinião, tem os sindicatos mais fortes, mais organizados, sedimentados.

A história contada pela nossa colaboradora é uma história bastante diferente daquela que encontramos na produção acadêmica. Isso não significa que uma desminta a outra, mas que a ordem de importância dos acontecimentos é outra. Questões como o confisco de livros por Jânio Quadros, a demissão de grevistas são vistos com ordem de importância bastante distinta, sendo apresentados de forma bastante relevante por nossa colaboradora. Mesmo um tema importante como Conselho de Escola é abordado de maneira bastante peculiar nas entrevistas, a professora fala de sua experiência.

Também é possível perceber como as políticas públicas acontecem nas escolas. A diferença de estilo de governo e visão ideológica de um prefeito tem seus impactos na educação. Isso é facilmente perceptível quando a educadora compara Jânio e Erundina.

Considerações Finais

As memórias relatadas pelas professoras apontam para a importância de um momento político muito especial na história brasileira e que teve reflexos no dia a dia das pessoas. É possível perceber como eventos políticos importantes, como a promulgação da Constituição, os ajustes fiscais do “Plano Collor”, impactaram o cotidiano das pessoas.

A gestão de Erundina e Freire é fruto desse período e promoveu transformações importantes na educação paulistana. Muitas de suas ações não encontraram continuidade nas gestões seguintes, mas deixaram marcas importantes nos educadores. Foi um momento em que os professores estavam, não apenas mobilizados, mas estimulados pelo poder público para que assim o fizessem. Dado o momento político, ações como a criação de um sindicato, estariam na pauta dos educadores do município independentemente de quem estivesse a frente da prefeitura ou da secretaria de educação. Entretanto, com Freire o clima de democratização e as ações pela construção de uma educação popular foram potencializadas.

As educadoras que viveram esse período da educação municipal paulistana tiveram experiências que merecem explicitadas e estarem presentes nas reflexões dos meios acadêmicos. A história oral, como metodologia que permite que a voz desses agentes ecoe e apresente aspectos dos fenômenos analisados que geralmente não são perceptíveis em outros tipos de fontes. Além disso, a história oral permite que conheçamos os impactos das políticas públicas a partir daqueles que a efetivaram em sua linha de frente.

Referências Bibliográficas

CORTELLA, Mario Sergio A Reconstrução Da Escola (A Educação Municipal em São Paulo de 1989 a 1991) In: **Em Aberto, Brasília**, ano 11, n.53, jan./mar. 1992, p.

54-63. FREIRE, Ana Maria Araújo **Paulo Freire - uma história de vida**, São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo **Educação e Atualidade Brasileira**, Tese de concurso para a cadeira de História e Educação. Escola de Belas Artes de Pernambuco, 1959.

_____. Por uma escola séria e alegre. Nova Escola, São Paulo, v.4, n. 20, p. 22-25, maio 1989. Entrevista concedida a Hamilton Souza, José Luiz Frare.

_____. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____. **A educação na cidade**, 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom **Manual de História Oral**, Edições Loyola, São Paulo, 2005.

DUTRA, A. As Memórias de Professoras Municipais sobre a Gestão de Paulo Freire na SME-SP

TORRES, Carlos Alberto **Educação e democracia: a práxis de Paulo Freire em São**

Paulo, São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.